

poemas e outras poesias



Quem navega pelos rios da floresta, navega pelos caminhos da alma

Quem navega pelos rios da floresta não navega só por água, navega por memória, por espírito, pelas veias da Terra viva.

O remo risca o tempo, o tempo é sagrado. O rio não corre — ele sonha. Como nos lembra Krenak, "O rio é um ser que pensa e sente, mas os homens esqueceram de escutar."

No espelho d'água vejo o rosto da minha bisavó, suas palavras são sementes que brotam na pele do mundo. "Elas carregam o universo no ventre e no canto", sussurra Eliane Potiguara, "Sou mulher, sou raiz, sou folha que dança no tempo da Mãe Terra."

Cada curva do rio é um segredo guardado por anciãos.

Cada folha caída, um aviso dos encantados.

Daniel Munduruku nos revela:

"Nosso corpo é morada dos espíritos e nossos passos contam histórias de origem."

Por isso, quando mergulho,

não é apenas o corpo que afunda,

é a alma que se banha em ancestralidade.

A floresta me fala na língua dos trovões, no sussurro das águas-vivas, na dança dos peixes. Davi Kopenawa, com sabedoria Yanomami, nos lembra dos Xapiri, "os espíritos que descem das montanhas e cantam nos sonhos do xamã." E é nesse sonho que caminho, barco de casca e fé, alma de vento e fogo brando.

Navegar por esses rios é caminhar no invisível. É reencontrar os nomes que a colonização tentou apagar. "Somos raízes que resistem ao corte, somos memória que sangra e cura" — escreve Maria Agraciada Tupinambá.

Quem navega pelos rios da floresta aprende a ouvir o silêncio, a respeitar os segredos, a reconhecer-se natureza.

Porque o rio é parente, é caminho de volta para casa.
É espelho do espírito e abrigo do encantado.

Ailton Krenak lembra com voz firme:

"A alma indígena está nas margens, nos cantos, nas águas que ainda cor E é ali que eu me encontro.

Entre a canoa e o céu, entre o sussurro da mata e a pele da água, eu sou palavra navegante, poesia que rema sem fim, rumo ao coração da floresta e ao fundo da alma.

Aiyra Amana Tupinambá (Alciete Arruda Azevedo)

Referências incorporadas ao poema:

- Ailton Krenak "O rio é um ser que pensa e sente, mas os homens esqueceram de escutar."
 (KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo.)
- Eliane Potiguara "Sou mulher, sou raiz, sou folha que dança no tempo da Mãe Terra." (POTIGUARA, Eliane. Metade Cara, Metade Máscara.)
- Daniel Munduruku "Nosso corpo é morada dos espíritos e nossos passos contam histórias de origem." (MUNDURUKU, Daniel. O caráter educativo do movimento indígena.)
- Davi Kopenawa Yanomami "Os xapiri são os espíritos que descem das montanhas e cantam nos sonhos do xamã." (KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A Queda do Céu.)
- Maria Agraciada Tupinambá "Somos raízes que resistem ao corte, somos memória que sangra e cura." (TUPINAMBÁ, Maria Agraciada. Escritos da Terra.)